

AMBIGUIDADE I@RACIONAL EM O BARÃO, DE BRANQUINHO DA FONSECA, E O ANJO, DE JORGE DE LIMA.

MILENA ALVES BORBA¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹UFPEL. 1 – mileborba@gmail.com 1

²UFPEL. – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparada, como dispõe CARVALHAL (2006), das obras *O Anjo*, de Jorge de LIMA (1998) e *O Barão*, de Branquinho da FONSECA (1973), visando observar uma possível relação entre elas. As duas obras, tanto a brasileira quanto a portuguesa, pertencem a segunda geração modernista. Assim, são considerados textos de dois sistemas literários diferentes, aproximados por um “procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação”, tomado como “ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva)” (CARVALHAL, 1999, p. 6) e que, por funcionar como recurso preferencial num estudo crítico, é capaz de revelar aspectos que outras modalidades dos estudos literários não revelariam.

2. METODOLOGIA

Após leitura das obras citadas, foram percebidos quatro pontos de cruzamento entre as narrativas. O elemento principal que circunda as obras são as ações fantásticas que trazem de modo intrínseco o gótico. *O Barão* pode ser caracterizado como uma obra de gênero fantástico já que é construída num mundo real mas com acontecimentos fantásticos, ao contrário de *O Anjo* que é construído num mundo maravilhoso, ou seja, as ações fantásticas são inerentes ao mundo da obra e, por isto, pertence a literatura maravilhosa. A palavra fantástico, em sua etimologia, deriva do grego phantastikós, que significa: representação imaginária e a sua literatura origina-se na Europa no século XVIII, durante o Romantismo, momento em que a objetividade clássica transmuta em favor de uma arte subjetiva, individual, mística e misteriosa. Conforme TODOROV (1970, p. 148), “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Ainda para o autor, no texto fantástico o conflito entre o natural e o sobrenatural provoca uma hesitação no leitor, posto entre duas ideias/mundos. A hesitação está ligada ao processo narrativo. Visto por esse lado, o modo como a narrativa textual se constrói faz com que o texto se torne, portanto, ambíguo e fantástico. Para BESSIÉRE (2009, p.186) o fantástico é uma contradição entre duas esferas: o real e o sobrenatural. A ordem racional entra em confronto com a ordem sobrenatural instaurando a incerteza. Deste modo, o elemento sobrenatural, por sua vez, desracionaliza a realidade, mas participa, ao mesmo tempo, do mundo real. O racional e o irracional, o real e o irreal coexistem no interior da narrativa fantástica de forma a provocar a ambiguidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos preceitos arrolados no apartado metodologia, constata-se o gótico nas obras objeto, a modo que em *O Barão* vai estar representado nas descrições dos ambientes que focalizam elementos próprios da narrativa fantástica tradicional, ainda influenciada pelo gótico. O vocabulário utilizado, por exemplo, na descrição da parte interior da casa do Barão remonta a uma arquitetura gótica com uma atmosfera de medo e horror. Tais dados evocam as raízes da literatura fantástica no gótico:

[...] em toda aquela casa que eu adivinhava enorme, com largos corredores sem fim, entre salas mortas, pesava cada vez mais um silêncio que eu nunca tinha sentido: inquietante e ressoante como se a casa estivesse metida dentro de uma cisterna (FONSECA, 1973, p. 26).

A ambientação do casarão com aspecto funesto nos leva a pensar que algo estranho vai acontecer. Contudo, tamanha estranheza não leva a nenhum acontecimento sobrenatural. Ao contrário, há uma quebra de expectativa no momento em que o Barão acolhe o Inspetor-narrador com delicadeza e o toma como um confidente. Outro aspecto gótico vê-se na descrição da Tuna, que está arquitetada pelo seguinte vocabulário: “surgiu num passo lento”, “aspecto estranho”, “ar friorento e estremunhado”, “lentos”, “sonolentos” (FONSECA, 1973, p. 52-55). E novamente tem-se a quebra da expectativa, já que a Tuna vai animar os espectadores com alegres melodias.

Em *O Anjo*, o gótico vai estar presente em toda a narrativa, visto que retoma constantemente o passado medieval como forma de negação do tempo industrial e o materialismo burguês. Por exemplo, o ambiente interior da casa em que morou o Herói quando criança vai ser descrito como sombrio, com sombras gigantescas e multiformes acompanhadas de som psicodélico arranjado na junção do violoncelo e o cantar dos bacuraus e dos cururus, que costumava embalar o sono do Herói gótico. Ainda o gótico vai estar presente no anseio pela morte por parte do herói e no seu gosto pelo lúgubre: “No colégio o menino (Herói) reformou a religião. Deus devia ser melhor. [...] Liberdade absoluta do suicídio.” (LIMA, 1198, p. 12), “Tenho que me libertar desse medo matando-me. Serei livre” (LIMA, 1198, p. 50). Assim:

[...] o adolescente viu uma mulher morta. Ela parecia dormir. Pairava um ar de volúpia no rosto e na atitude do cadáver. Herói achou linda a morta, aquele sono largado, aquela expressão paralisada numa juventude que estacara em pleno gosto da vida. Pois uma expressão rara de gozo que repuxava o beijo da moça morta. (JORGE DE LIMA, 1198, p. 12- 13)

Nas obras em análise as personagens Inspetor e Herói vão ser transformados mediante a embriaguez. Dos dois, somente o Inspetor sente o efeito do surreal em contraste ao real que é propiciado pelo álcool. Já para o Barão a bebida vai ser símbolo de liberação, amizade e de despertar de forças interiores:

[...] bebe um pequeno gole, começando de súbito a falar com entusiasmo, como se o álcool lhe acordasse não sei que forças ocultas adormecidas. E ia bebericando sempre, com pequenos intervalos, como se a garganta lhe secasse e tivesse de a ir molhando. [...] Era-lhe talvez indiferente que eu o ouvisse: contava para si, ouvia as suas próprias palavras e relembrava aqueles dias como um sonho realizado. Eu era só o pretexto, só para não falar sozinho, como um doido. (FONSECA, 1973, p. 267).

No decorrer da conversa, os dois personagens acabam bebendo muito e a embriaguez faz com que os mesmos libertem os seus sonhos, as suas fantasias e os sujeitos perdem a noção do tempo. Vai ser por meio deste viés que ambos se tornam cavaleiro e escudeiro e logo amigos. Por outro lado a embriaguez vai levar o narrador personagem a um despertar, vai ser por meio do transe alcoólico que

ele, até então reprimido e acomodado em sua vida monótona de bom salário, vai sentir desde o inconsciente uma voz de libertação.

Em *O Anjo*, a bebida vai propiciar ao Herói o encontro com o divino, com o equilíbrio, a criação/gestação e a transcendência do plano terreno. Vê-se isto nos seguintes trechos:

Quando o herói se embriagava totalmente virava onça para todo o mundo. Para o Anjo não. Era de um carinho ameno. Fazia o elogio dele, inclusive da cabeça. Ficava poeta. Ficava fora do tempo e do espaço e encontrava verdadeiramente o Anjo. [...] Herói começou a dissertar sobre coisas bastante transcendentes. Estava petíssimo sobre a ação do álcool. Estava vendo Deus muito de perto (LIMA, 1198, p. 29- 30).

[...] Herói não ia bem. Privado do seu antigo ambiente e do bom álcool, era tomado de irreverências loucas, de acessos a rebeldia contra toda ordem, qualquer que fosse. De outras feitas punha-se a gritar para os velhos pais, que não compreendiam suas palavras (LIMA, 1198, p. 41).

Outro ponto que as obras trazem em comum é a fresta tênue sobre a questão do que é racional ou irracional. O irracional está implícito no fantástico que não está regido pelas leis naturais, e que na concepção de Todorov (1981), uma vez que o acontecimento surreal é compreendido pelo personagem como parte integrante do mundo real, leva-o ao entendimento de que o mundo também está regido por leis sobrenaturais que não conhece, e tal entendimento é abrangido por nós leitores. A literatura fantástica nos faz transitar entre o racional e o irracional. Esse fato leva-nos a questionar o racional, pois muitas vezes a atitude irracional realizada pelos personagens contém uma racionalidade não regida pelo senso comum. Por exemplo, no desfecho da narrativa de Branquinho da Fonseca, o inspetor recebe uma carta do Barão, que responde assim:

Sim, Barão... Hei de voltar, um dia. E havemos de tornar a perder-nos pelos caminhos sombrios do nosso sonho e da nossa loucura; e mais uma vez havemos de cantar às estrelas, e dar a vida para ires a depor outro botão de rosa lá na alta janela da tua Bela-Adormecida! (FONSECA, 1973, p. 103-104).

O fato de o narrador-personagem reconhecer a loucura e aceita-la é racional ou irracional? O Inspetor escreve ao Barão dizendo que voltará para reviver o fato surreal vivenciado por eles, reconhecendo-o, assim, como real. Este reconhecimento é racional ou irracional? O fato da aceitação do fantástico no mundo real é racional ou irracional? É difícil conseguir racionalizar tais questionamentos para chegar a uma única resposta, isso porque a brecha do irracional e racional transcende muitas vezes o entendimento terreno. Pelo fato de que há muito de racional no irracional que não pode ser compreendido racionalmente. I-@racional?

No final de *O Anjo*, o Herói vai estar cego e com os braços amputados em uma cama de hospital. Então pede ao Anjo que lhe jure jamais ter mentido, e este lhe jura por Jesus Cristo. O Herói começa a lhe perguntar sobre as características físicas da enfermeira que estava ali, o Anjo percebe que ele faz isso para saber se a moça que está ali é a sua Bem-amada e compreendendo isto como algo ridículo e trágico ao mesmo tempo, optando por convencer ao Herói que a enfermeira tinha todas as características da sua Bem-Amada. Com isso, o Anjo aceita a sua condição de aleijado, pois ela finalmente propiciou a materialização da sua bem amada. “Meu Deus conservai-me cego e sem mão para que a Bem-Amada sempre exista” (LIMA, 1198, p. 75).

Após isto podemos questionar se a atitude tomada pelo Anjo foi racional, ainda mais se levarmos em conta que o próprio Anjo é também uma criação do Herói, e que entendendo aquele, como ridículo o fato de o Herói querer saber se a enfermeira era a Bem-Amada que este tanto tinha pintado, o Anjo estaria

entendendo como ridícula a sua criação ou subestimando o poder do seu criar. Então será que o anjo foi racional ao mentir para o Herói? Podemos deduzir que não, ou seja, o Anjo foi levado pelo desejo/sentimento de querer gerar uma situação de conforto existencial no Herói. Mas este pode ter racionalizado que se mentia para o Herói este ia querer continuar vivendo ainda na sua condição de aleijado. E por outro lado podemos dizer que a figura da bem amada sim passou a existir realmente, pelo menos para o Anjo, isto só foi possível uma vez que careceu de seus olhos, que lhe permitiam reconhecê-la e das suas mãos que lhe permitam gestá-la. Então carecer é ter? I-@racional? Isto é o efeito fantástico, que resulta da ruptura da experiência racional.

4. CONCLUSÕES

Após a breve e introdutória análise comparatista exposta acima, podemos concluir que há pontos comparáveis entre *O Barão*, de Branquinho da Fonseca, e *O Anjo*, de Jorge de Lima. E que tais narrativas estão construídas sobre a ambiguidade do fantástico que vai desconstruir, em ambas narrativas, o ideal de mundo desmontado pela embriaguez, assim como também vão nos colocar, a nós leitores, no limbo do i-@racional. E se nós leitores tomarmos tais fatos desconstrutivos propiciados pelas narrativas como reais, poderemos, como os personagens, aceitar que o mundo também está regido pelas leis do sobrenatural/desconhecido. Esta ambiguidade rompe com as barreiras que estruturam a mente humana. Então o fantástico, o maravilhoso, o surreal, o onírico etc. deixam de ser acontecimentos de um mundo que não existe para atuar como um portal que nos leva ao entendimento de determinadas verdades humanas que não podem ser compreendidas/alcançadas pela razão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIERI, Ivo. "Posfácio – Um anjo paradoxal." In: _____. Lima, Jorge de. **O anjo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. pp.77-92.
- BESSIÈRE, I. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. **Revista Fronteiras**, vol. 3, nº 3, Setembro/2009. [p. 185 – 202] Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafrenteiras/numeros_anteriores/n3/download/pdf/traduc_ao2.pdf.
- CARVALHAL, Tânia F. **Literatura comparada**. 4ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FONSECA, Branquinho da. **O Barão**. São Paulo: Verbo, 1973. [1942]
- LIMA, de Jorge. **O Anjo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. [1943]
- MACHADO, Luís Eduardo Wexell. **Vertentes do Fantástico: do gótico à álgebra mágica**. KBR EDITORA DIGITAL, 2013.
- TODOROV, T. A narrativa fantástica. In: _____. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- TODOROV, T. **Introducción a la literatura fantástica**. Trad. Silvia Delpy. México: Editions du Seuil, 1981